

A PRÁTICA DE ADOÇÃO DE CRIANÇAS INDÍGENAS NO FINAL DO SÉCULO XIX: O CASO DOS APURINÃ

THE INDIGENOUS CHILDREN OF ADOPTION OF PRACTICE IN XIX CENTURY FINAL: THE CASE OF APURINÃ

Rogério Sávio Link¹

RESUMO: O presente artigo pretende abordar a prática generalizada de adoção de crianças indígenas no Médio Rio Purus no final do Século XIX. Para tanto, toma como objeto de análise o caso dos Apurinã. As fontes para discussão desse tema provêm dos arquivos de uma missão anglicana que teve lugar no Purus entre os anos de 1872 a 1883. Reconstruindo a experiência dessa missão, a análise aqui proposta pretende olhar para além dos interesses dos colonizadores e dos missionários envolvidos na conjuntura de ocupação e exploração territorial para procurar nas fontes as motivações próprias dos indígenas que podem ajudar a elucidar a prática de adoção de crianças indígenas por particulares na Amazônia no final do século XIX.

Palavras-chave: História indígena; Apurinã; Amazônia; Adoção de criança; Alteridade

ABSTRACT: This article discusses the common practice of adoption of Indian children in the Middle Purus River in the late nineteenth century. To do so, it takes the case of Apurinã indigenous group as object of analyze. The sources for discussion of this topic are provided from the files of an Anglican mission that took place on Purus River between the years 1872 to 1883. Reconstructing the experience of this mission, the analysis intend to look beyond the interests of the colonizers and missionaries that have taken part of occupation and colonization to look for the motivations of Indians themselves that can help to elucidate the practice of adoption of Indian children by individuals in the Amazon in the late nineteenth century.

Key-words: Indigenous history; Apurinã; Amazon; Child adoption; Otherness

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente faz pós-doutorado em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Esta pesquisa foi realizada com o apoio da CAPES e do CNPq.

INTRODUÇÃO

Entre os anos de 1872 e 1883, num período em que a escravidão ainda era parte estruturante da economia brasileira e a Igreja Católica ainda era a religião oficial do Estado, uma experiência missionária protestante foi desenvolvida entre os Apurinã do Rio Purus, na Amazônia. Ao todo, passaram pela missão nove missionários: Robert Stewart Clough (1872-1876), David J. Lee (1874), Jacob Evert Resyek Polak (1873-1881), William Thwaites Duke (1876-1883), W. T. Woods (1877-1878), Hugh F. McCaul (1878-1880), Rafth Willian Jones (1880-1882) e duas mulheres esposas de Woods e de Jones. A presença de missionárias é, sem dúvida alguma, um marco importante para a época e desvela o princípio da mudança da estrutura social inglesa nas relações de gênero. Estamos aqui realmente falando de início, pois essas mulheres não foram reconhecidas publicamente como missionárias, não receberam salário por seu trabalho e nem mesmo tiveram seus nomes registrados nas atas das reuniões do Comitê que gerenciava as atividades da entidade que subsidiava a missão (*South American Missionary Society – SAMS*) e muito menos na revista da sociedade (*South American Missionary Magazine – SAMM*).

Apesar dessas mulheres não terem recebido o reconhecimento, as atas do Comitê e as notícias publicadas na revista (*SAMM*, 1877, p. 97s) desvelam que as vagas de missionários ocupadas por seus esposos só foram abertas porque a missão precisava de mulheres para atuar como educadoras entre as crianças da missão, especialmente as meninas. Nesse sentido, a primeira vez que mulheres foram sugeridas para a missão foi em uma carta de Clough datada de 8 de novembro de 1875. A carta foi dividida em duas partes e publicada na revista. Na segunda parte, Clough faz considerações sobre os benefícios que missionários casados poderiam trazer para a missão, uma vez que suas mulheres poderiam ter influência com as índias e também dar o “exemplo de um casamento correto”. Ao término da carta, Clough conclui: “Eu repito novamente que a agência feminina é indispensável” (*SAMM*, 1876, p. 130)².

A atuação dessas mulheres não durou muito porque o clima, a comida, as doenças e o não reconhecimento fizeram com que elas não permanecessem muitos meses na Amazônia. No entanto, a necessidade de sua atuação desvela a existência de crianças apurinã que estavam sob os cuidados da missão e este é o ponto central deste artigo, a adoção de crianças indígenas pelos missionários. O que motivava esses missionários a adotarem crianças

² “I again repeat that female agency is indispensable”.

indígenas? Como era o cotidiano da missão? Como estes missionários se situavam em relação à prática de adoção de crianças indígenas pelos particulares? E, finalmente, a prática de adoção pode desvelar estratégias indígenas de relacionamento com a sociedade não-indígena? Se sim, quais seriam? Essas são questões que proponho refletir nesta fala.

A inspiração para esta pesquisa advém dos estudos sobre fronteiras étnicas (John Monteiro 1999, 2001; Guillaume Boccara 2003, 2005; Raúl Mandrini 2003; Guillermo Wilde 2006) que rompem como a noção de que os indígenas seriam receptores passivos de políticas e de iniciativas que emanariam da sociedade não-indígena. Esta pesquisa se inspira também nos trabalhos de construção e representação da Alteridade (Edward Said 1990[1978], 1996; Tzvetan Todorov 1996).

A TÁTICA DE ADOTAR CRIANÇAS INDÍGENAS PARA “CIVILIZAR”

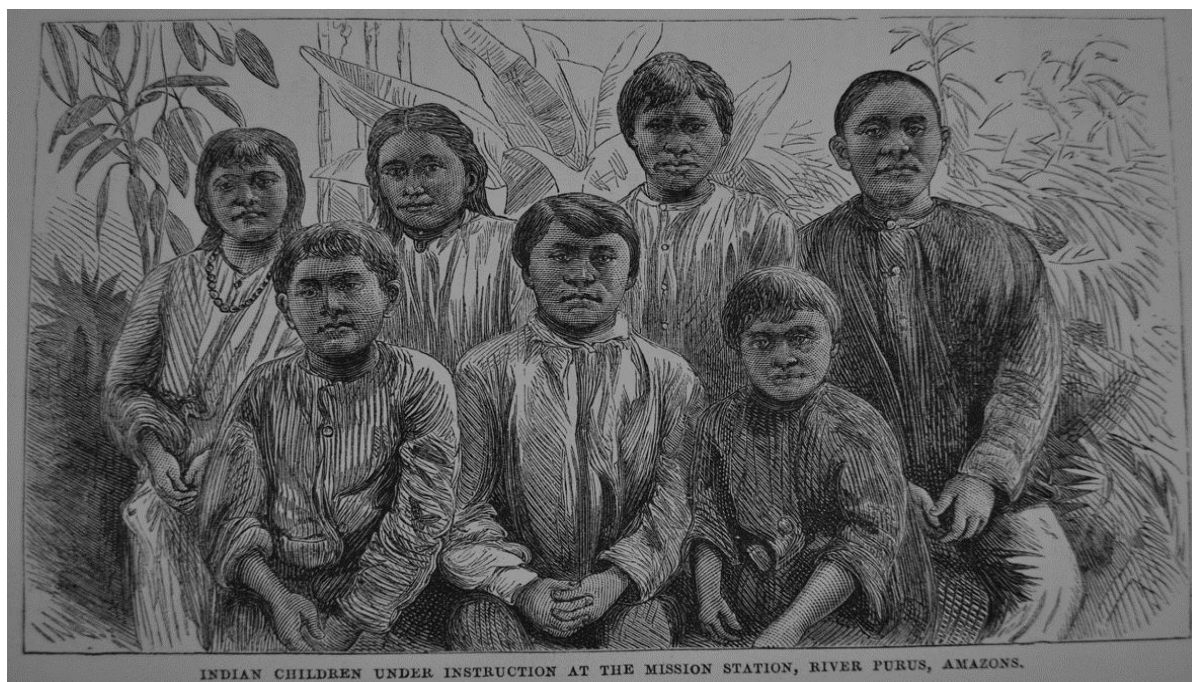
Os três missionários que passaram mais tempo e que melhor se adaptaram ao trabalho no Purus foram Clough, Duke e Polak. Clough esteve envolvido com a missão entre os anos de 1872 até 1876 quando regressou definitivamente para a Inglaterra. Duke atuou de 1876 a 1883 quando a missão foi definitivamente fechada. Polak, por sua vez, foi o missionário com maior tempo de atuação, desde 1873 até 1881, com um ano de intervalo entre 1877 e 1878 quando regressou para a Inglaterra. Na verdade, durante todo o período de atuação entre os Apurinã, Polak foi o missionário que mais domínio teve da língua e da cultura apurinã, chegando mesmo a publicar uma gramática e lista de vocabulários da língua apurinã (POLAK, 1894). Ele viajou longas distâncias, passou meses acampado nas margens dos lagos e igarapés e foi o missionário que mais visitou as aldeias dos Apurinã, estabelecendo relações de reciprocidade com as lideranças indígenas. Também foi sua a primeira iniciativa de adotar crianças Apurinã. Sobre isso, Clough chega a afirmar que ele mesmo pensou em adotar, mas que se ressentia da responsabilidade e que não poderia abandonar uma criança depois de ter assumido tal compromisso com ela (SAMM, 1876, p. 236). Mas a estratégia missionária parecia lógica mesmo para Clough. Como ele mesmo observa, seria mais difícil trabalhar com adultos, especialmente devido aos “hábitos migratórios”. A melhor tática, portanto, era a adoção de crianças. Assim Clough pôde concluir:

Um missionário e sua esposa não poderiam fazer melhor do que pegar em suas mãos duas dúzias de crianças de ambos os sexos. (...) Infância é a mesma em todo o mundo (...) e a criança indígena, negra, chinesa, papuásia, árabe e europeia é semelhantemente susceptível ao ensino evangélico e a influências (SAMM, 1876, p. 236)³.

E a tática parece ter produzido efeitos. A primeira criança que Polak adotou foi Irima, um garoto de uns 11 ou 12 anos de idade que ele conseguiu quando esteve sozinho no Ciriwene (igarapé Seruini) em 1876. Ainda no mesmo ano, Polak já teria sob seus cuidados mais um menino proveniente do igarapé Chiwene (Maniwa com mais ou menos 13 anos) e duas meninas (Kembari com 6 anos e Camarienru com 11 anos). Nos anos seguintes, a adoção seria o objetivo principal da missão. Em dezembro de 1881, numa carta do Superintendente Duke ficamos sabendo que a missão teria, além das duas meninas Camarienru e Isabel Kembari, 11 meninos Apurinã: Irima, Angityny, Maniwa, Cawai, Yate, Maucari, Camuruya, Caniiri (os quatro últimos do Sepatini, em Apurinã Shibatyry, com idade entre 10 e 14 anos), Panakury (do Seruini), João (sego de um olho, foi resgatado de um comerciante por Irima) e Mainga (Trazido por Angityny do Tumiã). Além disso, ainda ficamos sabendo de mais três meninos: um chamado Warisamba adotado em 1877 e falecido no ano seguinte, outro chamado Kiriama adotado em 1879 e falecido em 11 de fevereiro de 1880 e mais um adotado em 1882 e que fora novamente resgatado por seu pai durante a noite (SAMM, 1878, p. 185, 1880, p. 12-14; 1881, p. 187; 1882, p. 88).

³ “A missionary and his wife could not do better than take in hand a couple of dozen children of both sexes. (...) Childhood is the same all the world over (...) and the Indian, Negro, Chinese, Papuan, Arab and European child is alike susceptible to evangelical teaching and influences”.

Figura 1: Crianças Apurinã sob os cuidados da missão



Fonte: SAMM, 1880, p. 50

Por estranho que possa parecer, o trabalho missionário não implicava necessariamente no batismo das crianças indígenas. Em pelo menos duas reuniões do Comitê, uma em maio e outra em junho de 1878, ficamos sabendo que Duke batizou as crianças da missão, mas ele parece ter recebido alguma advertência quanto a isso. Após discutir o caso, por tratar-se de uma questão que envolvia a Ordem da Igreja, o Comitê decidiu repassar o caso para o Bispo que deveria decidir e aconselhar qual o procedimento (Livro atas, 1878, p. 318). Portanto, mais importantes eram os objetivos “civilizatórios”. Quanto mais bem formadas estivessem as crianças Apurinã, mais elas poderiam auxiliar os missionários na sua tarefa de fazerem mais “discípulos”. Ao mesmo tempo, também conseguiam justificar melhor seu trabalho para o Comitê e para a SAMS, a quem deveriam prestar contas periodicamente. Os missionários tinham sido enviados para “cristianizar” os indígenas da Amazônia, isto é, instruir na fé cristã, “civilizar”, resgatar da “barbárie”.

O discurso civilizatório se debatia com os pressupostos darwinistas. Nesse sentido, causa espanto saber que Charles Darwin tenha sido o membro mais ilustre da SAMS. Embora considerasse uma inutilidade enviar missionários para atuar entre “selvagens” que estariam condenados pela evolução ao desaparecimento, ele filiou-se em 1867 e até a sua morte em 1882 contribuiu anualmente para o fundo da Sociedade. Os indígenas, sejam eles da Terra do

Fogo ou da Amazônia, eram considerados por ele como estando na escala mais baixa da “raça humana” (CMS).

Os missionários reproduziam esse discurso, mas também de certo modo lutavam contra ele. Era preciso, pois, justificar a presença missionária em meio a esses grupos descritos como selvagens. Ou como Clough afirmou em 1873: “o lamento do selvagem nos implora; o choro do negro, tanto do escravizado quanto do livre, nos suplica” (SAMM, 1873, p. 105)⁴. Ao terminar seu relatório sobre sua visita exploratória ao Amazonas encomendado pela SAMS, Clough (1973?, p. 195) parece dialogar e refutar a posição e argumentação defendida anteriormente por Darwin e sustentada pela intelectualidade daquela época. Ele afirma:

Se eu tivesse simplesmente viajado pela Amazônia, meus pontos de vista da personalidade indígena seriam muito diferentes daqueles que tenho agora. Eu estaria inclinado a resumir meu relatório nestas palavras: “O índio é o ponto mais baixo na escala da humanidade. Eu espero que o empreendimento missionário possa ser bem sucedido entre eles; e tão logo quanto um de seus agentes [da South American Missionary Society] tenha ensinado a fazer uma simples subtração, eu gostaria de retornar à América para ver ambos, professor e aluno” (CLOUGH, 1973, p. 195)⁵.

E continua:

Uma estimativa verdadeira da personalidade e da capacidade indígena não vai surgir de uma mera observação superficial. A Missão da América do Sul, com a ajuda de Deus, tem sido tão honrada e abençoada com sucesso que os Fueguinos uma vez brutais estão agora vestidos e no seu perfeito juízo, assentados aos pés de Jesus, e os Fueguinos são um tipo mais baixo da humanidade do que as raças dos Tupi e dos Inca (CLOUGH, 1973, p. 195)⁶.

Os povos da Terra do Fogo, por terem sido objetos de observações de Darwin, estavam no centro dos debates. Em 1883, a SAMS publicou uma imagem (*figura 2*) na qual apresenta dois indígenas Fueguinos convertidos e dois indígenas Alaculoof não-convertidos,

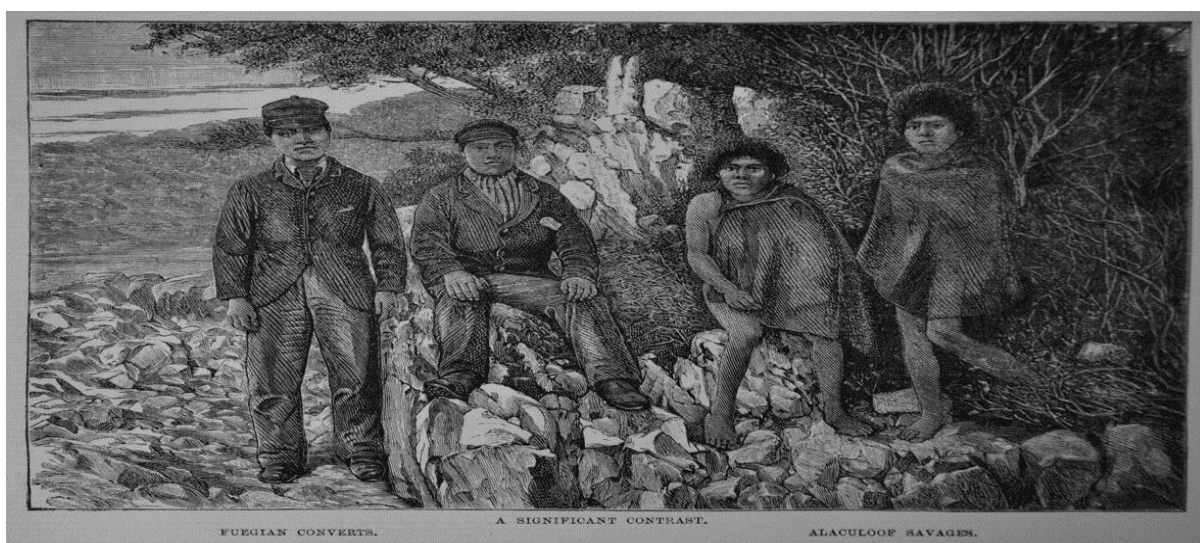
⁴ “The wail of the savage implores us; the cry of the negro, both bond and free, beseeches us (...)”.

⁵ “Had I simply travelled through Amazonia my views of Indian character would have been very different from those I now hold. I should have been inclined to sum up my report in these words: ‘The Indian is low down in the scale of humanity. I hope missionary enterprise may prove successful among them; and as soon as one of your agents has taught one how to work a simple sum in reduction, I should like to return to America to see both teacher and scholar’”.

⁶ “A true estimate of Indian character and ability is not to be arrived at by mere superficial observation. The South American Mission has, under God, been so far honoured and blessed with success that once brutal Fuegians are now clothed and in their right mind, sitting at the feet of Jesus, and the Fuegians are a far lower type of humanity than the Tupy and Inca races”.

os últimos qualificados como selvagens. Sugestivamente, o editor acrescenta à legenda a informação “um significativo contraste”. Contrastando os dois grupos (convertidos e selvagens), a SAMS objetivava sustentar a importância de manter postos missionários, pois com o trabalho missionário seria possível civilizar os indígenas da América do Sul. A imagem ainda é mais sugestiva ao situar os convertidos em um plano mais aberto e limpo enquanto os não convertidos estão em meio ao caos da floresta.

Figura 2: Representação de convertidos Fueguinos e “selvagens” Alaculoof



Fonte: SMM, 1883, p. 170.

Numa das cartas de Clough (SMM, 1873, p. 103s) publicada na revista da missão em 1873, o missionário hierarquiza a estrutura social dos povos da Amazônia bem dentro dos padrões das teorias científicas da época. Segundo ele, algumas tribos viveriam “perto das margens dos rios principais gozando de uma civilização parcial” (near the shores of the main river enjoying a partial civilization). Vários outros povos indígenas, dentre eles os Apurinã, viveriam “em um completo estado de natureza” (in a complete state of nature). Foram descritos como canibais (cannibals) e ignorantes (benighted Indians), mas que seriam acessíveis por “meios brandos” (fair means). Para Clough, “(...) o selvagem está tão caído que o interlocutor é por vezes tentado a pensar nele como outra espécie, gradualmente tornando-se humanizado (...). Em seu estado de natureza, o índio é uma criança atrofiada”⁷.

⁷ “(...) the savage is so far fallen that the inquirer is sometimes tempted to think him of another species, gradually becoming humanized (...). In his nature state, the Indian is an overgrown child” (SMM, 1876: 238).

Essas imagens inferiorizantes – que contrastavam os ingleses aos indígenas como pertencentes aos dois lados extremos da escala evolutiva e social – foram dirigidas ao público da Inglaterra para conseguir mais apoio. Como no caso quando procuram acionar nas mulheres inglesas a compaixão para com suas irmãs selvagens (SAMM, 1876, p. 130). Mas essa imagem, ao contrário do discurso cientificista da época, estava amarrada à própria estrutura missionária, qual seja: apresentar aqueles povos indígenas ainda sem o trabalho missionário como não civilizados e aqueles que já desfrutavam da “presença benéfica” dos missionários como que participando de uma condição qualitativamente melhor. Os frutos convenciam os doadores de que era sim possível civilizar os “selvagens”. E essa foi uma estratégia constantemente utilizada pelos missionários em todos os campos de missão. A título de exemplo, em 1900, a revista publicava um artigo no qual defendia que o próprio Darwin teria se afiliado e contribuído com a missão porque fora convencido pelas notícias do sucesso entre os Fueguinos e faz isso apresentando trechos de cartas do próprio Darwin (CMS).

DISPUTANDO CRIANÇAS COM OS MERCADORES

Para alcançar seus objetivos, os missionários procuraram estabelecer uma relação de confiança com os indígenas. Eles estavam preocupados em passar uma boa imagem para os Apurinã. Queriam que os Apurinã soubessem que as crianças não seriam explorada ou levadas para Manaus ou para o Pará, como geralmente acontecia com as crianças deixadas aos cuidados de particulares. Escrevendo desde o Igarapé Chiwene em 1 de novembro de 1876, Polak argumenta:

Até o presente eles ainda não podem compreender inteiramente, e assim também não podem apreciar inteiramente minha estadia entre eles. Eles vêem de fato que eu não trabalho com borracha, nem faço muitas das coisas que os mercadores fazem, e que minhas crianças vivem diferentes das dos outros; que elas são ensinadas a ler e a escrever, e que elas são mais bem cuidadas do que geralmente as crianças indígenas o são nas mãos de estrangeiros (SAMM, 1877, p. 59)⁸.

⁸ “At present they cannot as yet fully comprehend, and therefore not fully appreciate, my being among them. They see indeed that I do not manufacture rubber, nor do many things which the traders are obliged to do, and that my children live differently from others; that they are taught to read and write, and that they are more cared for than Indian children among strangers generally are.”

Pelo mesmo motivo de conseguir a confiança dos indígenas, os missionários também se preocuparam em estabelecer um posto missionário isolado dos demais exploradores, pois a adoção de crianças também foi uma prática comum dos primeiros colonizadores e exploradores do Purus. As crianças representavam mão-de-obra na extração da borracha ou poderiam ser trocadas por mercadorias ou favores na capital. Nesse sentido, em maio de 1878, o Rev. Duke escreve:

Embora existam leis no Brasil protegendo o índio, e declarando-o um súdito livre do Império, e não sujeito ao serviço militar, etc., ainda há homens aqui que “arranjarão” crianças índias rio acima, e as levarão para baixo na esperança de vendê-las por cerca de 8£, ou 9£, de acordo com o seu tamanho e aparência. Um homem que passou aqui outro dia tinha uma garota (Apurinã) com ele, cerca de dezoito ou vinte anos de idade, que ele desejava vender, se conseguisse um comprador, por R\$ 130.000 – cerca de 13£. (SAMM, 1878, p. 185)⁹.

Em março de 1881, escrevendo novamente desde o Rio Mamoriá, o Rev. Duke observa que:

O governo brasileiro está fazendo alvoroço a respeito das pessoas do Purus vender as crianças Apurinã, e uma tentativa foi feita para acabar com essa prática agora muito comum. Comenta-se aqui que um Inspetor foi, ou está para ser, nomeado para proteger os índios, ou ainda, para regular o comércio dos mercadores com eles, e dizem que um Subinspetor será nomeado para o Purus (SAMM, 1881, p. 188)¹⁰.

Assim, se no início os missionários apreciavam e desejavam a companhia dos mercadores e demais colonizadores do Purus, logo perceberam que precisavam manter certa distância a fim de, por contraste entre missionários e demais exploradores, conseguir a confiança dos índios. Por isso, Polak conclui já em 1876: “uma grande vantagem será obtida quando nós formos capazes de viver separados e independentes dos mercadores” (SAMM, 1877, p. 59)¹¹. Agindo dessa forma, eles almejavam que os Apurinã percebessem que as crianças eram bem tratadas, que eles mantinham as crianças sempre com eles como pais

⁹ “Although there are laws in Brazil protecting the Indian, and declaring him a free subject of the Empire, and not liable to be called out for military service, &c., yet there are men here who will “arrange” children from the Indians far up river, and bring them down in the hope of selling them for about 8l. or 9l., according to their size and appearance. A man passed here the other day who had a young girl with him (Ipurinã) about eighteen or twenty years old, whom he wished to sell, if he could find a purchaser, for RS. 130.000 – about 13l”.

¹⁰ “The Brazilian Government is making some stir about the people of the Purus exporting Ipurinã children, and an attempt has been made to put a stop to the practice now very common. It is rumoured here that an Inspector has been, or is to be, appointed to protect the Indian, or at any rate to regulate the dealings of the traders with them, and they say that a Sub-Inspector is to be appointed for the Purus”.

¹¹ “A very great advantage will be gained when we shall be able to live separate and independent of the traders”.

dedicados, que selavam pela educação, ensinando a ler, a escrever e a cultivar, bem como levavam as crianças sempre bem vestidas e bem alimentadas. Desse modo, os Apurinã poderiam rapidamente confiar mais crianças aos cuidados dos missionários (SAMM, 1877, p. 59; 1881, p. 187).

Mas mesmo assim, em 7 de março de 1881, já estabelecidos em um posto missionário separado dos demais comerciantes, Duke escreve ao Comitê sobre a dificuldade de disputar as crianças com os outros comerciantes. Diz ele:

Nós disputamos com considerável dificuldade no que diz respeito a obter crianças indígenas, uma vez que as casas desses mercadores exercem grande atração para os índios, devido às pequenas lojas cheias de todos os artigos úteis que eles encontram lá. Consequentemente é somente visitando eles em suas próprias localidades, e levando conosco um estoque de machados, armas, etc., para trocar com eles, que nós podemos ter esperança de aumentar o número em nossa escola (SAMM, 1881, p. 187)¹².

Depender de terceiros para conseguir a confiança dos índios tornava o trabalho muito lento e fragilizado. A nova estratégia para conseguir as crianças, portanto, implicava ir lá onde os indígenas estavam e não esperar por eles. Para isso, fizeram incessantes pedidos ao Comitê para que enviasse uma lancha a vapor para a missão. O primeiro pedido formal de um barco foi feito já em 27 de outubro de 1877 pelo Rev. Duke com o objetivo de alcançar os postos avançados (SAMM, 1878, p. 42-44; 90-93). E a lancha chegou em março de 1879. A partir daí, a missão ganharia mais independência e os missionários colocariam em prática a estratégia de explorar os afluentes do Purus em busca das aldeias indígenas.

Indo ao encontro dos indígenas, os missionários investiram toda sua energia e tempo para conseguirem crianças para a escola da missão. A educação formal dessas crianças foi um objetivo seguido à risca pelos missionários. Além de ensinar a falar o português e o inglês, ensinavam também a ler e escrever. E não era somente nessas duas línguas que os Apurinã eram ensinados. Eles aprendiam a se comunicar também em língua geral, uma vez que ainda era uma língua franca na Amazônia e aprendiam a ler e escrever na sua própria língua materna. Nesse sentido, em setembro de 1880, Duke escreve:

¹² “We contend with considerable difficulty in the matter of obtaining Indian Children, as the house of these traders afford greater attraction to the Indians, on account of the small shops full of all kinds of useful articles which they find there. Consequently it is only by visiting them in their own haunts, and taking with us a supply of axes, guns, &c., for traffic with them, that we can hope to augment the numbers in ours school”.

Mr. Polak e eu estamos considerando a recomendação de confeccionar um tipo de livro de lição em Apurinã, de modo a ser capaz de ensiná-los a escrever e a ler em seu próprio idioma ao mesmo tempo em que eles continuam a aprender inglês, que, pela necessidade, deve ser feito mais de vagar (SAMM, 1880, p. 271)¹³.

OS INTERESSES INDÍGENAS EM CONFRONTO COM OS INTERESSES MISSIONÁRIOS

Em 20 de fevereiro de 1882, o reverendo Duke descrevia para seus leitores na Inglaterra sua irritação com um incidente que teria ocorrido na calada da noite. Alguns indígenas vieram e “raptaram” um garotinho que os missionários tinham conseguido recentemente.

No meu retorno [de uma expedição ao Rio Pauini] nós tínhamos doze meninos ao todo, a parte das duas meninas. No entanto, desde então os mesmos índios que me trouxeram um pequeno garoto retornaram algum tempo atrás e o roubaram na calada da noite. Um deles era pai da criança. Eu fiquei excessivamente irritado e perturbado com isso (SAMM, 1882, p. 159)¹⁴.

Se o Rev. Duke ficou irritado e perturbado com o pai da criança que se arrependeu por deixar seu filho para trás e resolveu resgatá-lo, podemos imaginar também a reação dos indígenas frente a estrangeiros que mendigavam e barganhavam suas crianças. Ávidos por obter crianças, os missionários nem sempre respeitavam os limites impostos pelos Apurinã e não compreendiam seu ponto de vista. Três episódios, em especial, ilustram esse conflito de interesses.

O primeiro é o caso de uma mulher Apurinã que, em 1877, aproveitando-se que Polak estava caçando com Irima, convenceu as crianças a irem com ela. O missionário só conseguiu reaver as crianças porque, quando voltava, encontrou-as no caminho. A mulher fugiu e ele conseguiu ficar com as crianças que agora estavam sendo vigiadas mais de perto (SAMM, 1877, p. 56). Infelizmente, não ficamos sabendo se a mulher era parente próxima de alguma das crianças, mas, seja como for, algum motivo ela tinha para querer que as crianças

¹³ “Mr. Polak and I are considering the advisability of forming a sort of lesson-book in Ipuriná, so as to be able to teach them to write and read in their own language at the same that they continue to learn English, which, of necessity, must proceed more slowly”.

¹⁴ “On my return [de uma expedição ao Rio Pauini] we had twelve boys in all, besides the two girls. However, since then the same Indians who brought me a little boy some time since returned and stole him away again by night. One of them was father of the child. I was exceedingly annoyed and troubled by this”.

fossem com ela. Talvez repovoar a sua aldeia afetada por enfermidades. Mas também as próprias crianças deveriam ter seus próprios interesses para decidirem segui-la.

O segundo episódio é ainda mais interessante. Trata-se das impressões que o Rev. Duke teve por ocasião de uma viagem ao Seruini em 1881. Vejamos como ele relata o caso:

Em abril obtive um garotinho dos índios do Seruini. Nós vimos um considerável número de crianças entre eles, mas eles não pareciam dispostos a ceder aos nossos *sinceros pedidos*. Tudo o que eles pareciam desejar era obter vantagem de nós, demandando armas, machados, etc. etc., e querendo vender pequenos cachos de bananas por facões, ou assim por diante. [grifo meu] (SAMM, 1882, p. 87)¹⁵.

Os “sinceros pedidos” não eram ouvidos. Os missionários queriam trocar facas, facões, machados e anzóis por crianças e se indignavam quando os indígenas diziam que queriam trocar por bananas. Para os missionários era óbvio que uma ferramenta como um facão valia mais do que uma penca de banana. O que talvez os missionários não perceberam era que os índios também sabiam disso e estavam simplesmente devolvendo uma proposta “indecente” em resposta à proposta indecente dos missionários.

O terceiro caso também narra a visita a uma aldeia indígena. Em outubro de 1878, enquanto Polak esteve na Inglaterra, a revista da Sociedade publicou um artigo de sua autoria intitulado “O Purus e seus afluentes” (*The Purus and its afluentes*) no qual o missionário relata que visitou uma aldeia Apurinã no Inauini (SAMM, 1878, p. 233-236). Segundo ele, as mulheres e crianças não estavam na aldeia, tinham se escondido na floresta quando da sua aproximação. Ele diz ter perguntado várias vezes pelas crianças e os homens sempre repetiam que elas não se encontravam no local. Aliás, essa parece ter sido uma tática básica dos indígenas da região quando da aproximação de estrangeiros. Era melhor manter as crianças e mulheres longe dos olhares dos forasteiros. Provavelmente a experiência do contato demonstrava que os não-indígenas eram ávidos por suas mulheres e crianças. E os Apurinã tinham razão, era preciso afastá-las dos olhos desses estrangeiros, pois logo Polak confirma as suspeitas dos indígenas, pois escreve: “Eu fiquei muito desapontado por não conseguir uma ou duas crianças deles” (*I was much disappointed in not getting one or two children from them*).

¹⁵ “In April [1881] I obtained one little boy from the Indians of the Ciriwené. We saw a considerable number of children amongst them, but they did not seem disposed to yield to our earnest requests. All they seemed to desire was to take advantage of us, demanding guns, axes, &., &c., and wanting to sell small bunches of bananas for large knives, or what not”.

Apesar da dificuldade de conseguir crianças, os missionários tiveram algum êxito. Como Polak mesmo observa em novembro de 1876, os Apurinã não dão ou vendem seus próprios filhos, a não ser em casos excepcionais. As crianças doadas são geralmente órfãs (SAMM, 1877, p. 59). Nesse sentido, Irima é uma exceção, pois é filho de um cacique que teria mais de uma dúzia de filhos e que estabeleceu uma relação de confiança com Polak. Ele passaria a visitar o posto missionário quase que anualmente. O pai de Irima teria suas próprias intenções ao dar seu filho para os missionários. Como uma liderança, sabia que sua posição e que o futuro de seu povo dependia de seus filhos dominarem a língua e a cultura desses estrangeiros que ano após ano cresciam em número no Purus. Além disso, seu prestígio de liderança dependia cada vez mais da capacidade de negociar e obter bens desses estrangeiros que adentravam seu território.

Dessa forma, o fato dos Apurinã entregarem seus filhos aos forasteiros também pode estar vinculado com suas intenções de se apropriarem do mundo dos forasteiros que chegavam em seu território com uma tecnologia desejável. Um fato que indica nesse sentido, é o caso dos missionários terem conseguido mais meninos que meninas e isso também pode ser estendido aos outros exploradores do Purus. Além das mulheres serem consideradas mais valiosas – pois, como genitoras, elas são a base da sociedade, sem elas não existe o núcleo familiar que sustenta a sociedade –, a entrega de meninos indica quase que um novo rito de passagem. Os meninos estão indo ao encontro desses outros forasteiros para passar um tempo e aprender. Além disso quase todos eram maiores de dez anos, ou seja, estavam entrando na puberdade. As mulheres, quando saem do núcleo da aldeia têm menos probabilidade de regressar, uma vez que logo são tomadas como esposas e genitoras. Os meninos, por sua vez, mesmo que se envolvam com as mulheres *não-indígenas* e constituam famílias, em algum momento de suas vidas podem acabar regressando e, assim, por dominarem o mundo exterior se tornam lideranças e modelo para os jovens que almejam passar um tempo fora e regressar com novas experiências de vida. Além do mais, ao saírem da aldeia, os meninos também diminuía a pressão interna por novos matrimônios e, ao mesmo tempo, ampliavam as redes familiares para dentro do mundo não-indígena.

O CASO DE MAIOR SUCESSO

O caso de maior sucesso dos missionários foi Irima, o primeiro Apurinã adotado por Polak em 1876. Quando o missionário resolveu tomar o menino apurinã e posteriormente outras duas meninas, houve certa apreensão por parte do Comitê e por parte de Clough que via nisso uma responsabilidade demasiado grande. No entanto, com a vinda de outros missionários, essa se tornaria a estratégia principal da missão. Polak também defendeu insistentemente que seria bom que algumas crianças fossem enviadas à Inglaterra para aprimorarem os estudos. Nesse sentido, sempre que tinha a oportunidade, pedia que a Sociedade custeasse a ida de Irima para a Inglaterra. Como não obteve uma resposta do Comitê, começou a insistir que queria regressar e levar o menino consigo. Em agosto de 1877, Duke escreve ao Comitê alertando para o fato de que Polak estaria decidido a regressar e que, talvez, chegasse ao mesmo tempo que a carta (SAMB, 1877, p. 215; 281-284). E de fato, em setembro de 1877, Polak partiu rumo à Inglaterra levando consigo Irima.

Em 22 de novembro de 1877, uma representação especial do Comitê se reuniu para deliberar sobre o regresso de Polak. O missionário foi duramente repreendido pelo Comitê por ter tomado uma decisão sem o consentimento de seus superiores. “O presidente também chamou a atenção de Mr. Resyek [Polak] que ele tinha incorrido em uma gravíssima responsabilidade ao trazer para casa o menino Irima sem nenhuma autoridade do Comitê (...)” (Livro atas, 1877, p. 267s)¹⁶. Após deliberar, o Comitê decidiu que pagaria o salário de Polak, mas não arcaria com as despesas de Irima se ele não aceitasse os termos impostos pelo comitê de finanças (Livro atas, 1877, p. 267s).

Parece que Polak somente aceitou os termos do Comitê um ano depois, quando em outubro de 1878, decidiu retornar para o Purus. Assim, Polak e Irima se apresentaram perante o Comitê para tratar de seu regresso. Acertados os detalhes, os dois partiram em seguida para a Amazônia brasileira (Livro atas, 1878, p. 337, 338s). A SAMS tinha novamente um trunfo em suas mãos e ele vinha em dobro: um missionário que dominava a língua apurinã e um Apurinã que falava perfeitamente o inglês.

Polak chegou a bordo do vapor Javary na última noite do ano de 1878. Somente em abril de 1879, quando o editor publicou uma carta de Duke na qual relata seu encontro com Polak e Irima, o leitor que acompanhava as notícias da revista ficou sabendo que um Apurinã

¹⁶ “The chairman also pointed out to Mr. Resyek that he had incurred a very grave responsibility in bringing home the boy Irima without any authority from the Committee (...)”.

havia estado na Inglaterra (SAMM, 1879, p. 89-92). Sobre o impacto que um ano na Inglaterra havia proporcionado a Irima, Duke escreve:

Irima fez, em minha estima, maravilhoso progresso durante o tempo que esteve na Inglaterra. Parece muito estranho para mim poder conversar com ele em inglês após um intervalo tão curto. Ele trouxe impressões muito claras de tudo o que viu, e evidentemente tem prazer e orgulho de me contar sobre isso. Eu fiz um acordo de só falar com ele em inglês, e, quando inadvertidamente eu me dirijo a ele em sua própria língua nativa, ele sempre me responde em inglês. Eu tenho pouca dúvida de que ele se tornará eventualmente um dos mais valorosos membros de nossa comunidade (SAMM, 1879, p. 90)¹⁷.

Apesar da esperança depositada em Irima, e talvez justamente por causa disso, os missionários tinham receio de perdê-lo, ainda mais depois dele ter passado um ano na Inglaterra e falar fluentemente inglês. Isso pode ser percebido por ocasião de uma visita do pai de Irima à estação missionária, quando ele pediu para acompanhar seu pai no retorno.

No retorno de seu pai, Irima pediu permissão para ir e ficar um mês ou mais com seu povo, com a qual nós consentimos, uma vez que seus motivos pareciam ser genuínos. Perguntado sobre o que ele pretendia fazer lá, respondeu, “*contar a seu povo o que nós temos ensinado a ele sobre Deus nosso Pai*”; e o primeiro objeto que ele mencionou que levaria consigo foi sua Bíblia em inglês. Eu perguntei se ele não pretendia ir e ficar na floresta e se tornar como os outros índios, ao que ele respondeu enfaticamente, “não senhor!” [grifo no original] (SAMM 1881, p. 187)¹⁸.

Se os missionários tinham medo de perder seu pupilo mais proeminente, também não podiam segurá-lo por muito tempo, por isso consentiram que ele fosse. Em março de 1881, os missionários estavam indo ao Seruini para levar Irima e seu pai. Irima passou alguns meses longe dos olhos dos missionários e as notícias que os missionários ouviam os deixavam apreensivos. Eles se queixavam unanimemente que Irima os havia traído e estaria trabalhando

¹⁷ “Irimá has, in my estimation, made wonderful progress during the time he spent in England. It seems very strange to me to be able to converse with him in English after so short an interval. He has retained very clear impressions of all that he has seen, and evidently takes pleasure and pride in telling me of it. I make a point of speaking to him always in English, and when inadvertently I address him in his native tongue, he invariably answers me in English. I have little doubt that in time he will become one of the most useful members of our community”.

¹⁸ “On the return of his father, Irimá begged permission to go and stay a month or so with his people, to which we have consented, as his motives appeared to be genuine. On asking what he meant to do there, he replied, to ‘*tell his people what we had taught him about God our Father*’; and the first object he mentioned that he would take with him was his English Bible. I asked him if he did not mean to go and stay in the forest and become like the other Indians, to which he replied most emphatically, ‘No sir!’”. [grifo no original]

com um comerciante de borracha. Embora fossem só rumores, eles pressentiam que ele não regressaria a São Pedro (SMMM, 1882, p. 38-42).

Depois que Irima pediu para acompanhar seu pai, Angityny também solicitou para ir ao Itumiã (Tumiã) com seus parentes que haviam visitado a sede da missão. A preocupação dos missionários foi grande, mas em 15 de dezembro de 1881, Duke escrevia ao comitê contando as novidades que os tranquilizava.

Vocês vão estar satisfeitos de ouvir que nossa confiança em ambos os rapazes não foi desapontada. Angityny retornou em 20 de novembro, trazendo consigo quatro índios, um dos quais tinha com ele sua esposa e dois pequenos garotinhos, o mais velho dos quais eles entregaram aos nossos cuidados, com a promessa de que quando o outro estivesse mais apto para tomar conta de si mesmo eles o trariam também. Em 22 de novembro, Irima veio, acompanhado por um menino sob o qual já mencionamos (SMMM, 1882, p. 87)¹⁹.

O garoto era João, um menino cego de um olho que Irima resgatou de um comerciante. E o missionário vai mais além, dando mais ênfase ainda ao retorno de Irima:

Eu não hesitei em deixar ele ficar conosco, uma vez que seu patrão tinha usado todos os meios para fazer Irima ficar e cortar seringa para ele, dando a ele uma arma e uma rede, caixa, roupas etc. No entanto, Irima, preferindo São Pedro a qualquer outro lugar, deixou os presentes do homem e veio embora para casa (SMMM, 1882, p. 87)²⁰.

Provavelmente Irima sabia que ao tornar-se um seringueiro ele seria mais um entre tantos. Permanecendo entre os missionários, manteria seu prestígio. Afinal, ele não era mais qualquer um; sabia ler e escrever, era poliglota e já havia conhecido até o centro industrial e econômico do mundo. Além do mais, a qualquer momento que desejasse poderia engajar-se com outros comerciantes tão desejosos de mão-de-obra.

¹⁹ “You will be gratified to hear that our confidence in both these lads was not misplaced. Angityny returned on the 20th of November, bringing with him four Indians, one of whom had with him his wife and two little boys, the eldest of which they handed over to our care, with promises that when the other was better able to take care of himself they would bring him also. On the 22nd of November Irima came, accompanied by the boy already mentioned”.

²⁰ “I had no scruples about letting the latter stay with us, as his master had used every means to get Irima to stay and cut indiarubber for him, giving him a gun and hammock, box, clothes &c. However, Irima, preferring São Pedro to any other place, left the man’s presents and came away home”.

CONCLUSÃO

A adoção de crianças no rio Purus desvela uma prática de longa duração que está umbilicalmente ligada ao trabalho escravo. Embora o governo imperial proibisse a escravidão indígena, a prática dos comerciantes e exploradores da borracha desvela o valor de força de trabalho indígena uma vez que as crianças eram quantificadas monetariamente. Por outro lado, a adoção das crianças pelos missionários também desvela uma prática de longa duração entre as empresas missionárias na qual a educação aparece como ponto central. O que muda em relação a outras práticas é que os missionários protestantes, envolta na discussão darwinista, estavam interessados em provar que era possível civilizar os indígenas, que era possível retirá-los da “condição de barbárie”. Caso contrário, não haveria como sustentar financeiramente os trabalhos missionários. Por isso, a Sociedade Missionária também fazia questão de lembrar nos debates que travava em seu periódico que o próprio Darwin contribuía com a missão.

Por outro lado, não podemos deixar de notar que a prática de adoção de crianças não seria possível se não houvesse o lado que concede. É bem verdade que em alguns casos crianças indígenas foram tomadas a força por incursões armadas, mas a maior parte delas, é bom lembrar, foi cedida ou trocada pacificamente. Portanto, parece ter havido aí uma confluência de estruturas. Do lado Apurinã, a adoção parece ter alcançado um status de rito de passagem e pode mesmo estar vinculada a práticas culturais anteriores, pois alguns relatos dão indícios de que muitos Apurinã estariam vivendo em aldeias de outros grupos indígenas na ocasião dos primeiros contatos. Assim, ao viverem com os não-indígenas, muitas dessas crianças se tornaram mediadoras culturais nos anos que se seguiram e jogaram um papel decisivo na sobrevivência física de seus familiares.

REFERÊNCIAS

BOCCARA, Guillaume. Fronteras, mestizaje y etnogénesis en las Américas. In: MANDRINI, Raúl J.; PAZ, Carlos D. (Org.). *Las fronteras hispanocriollas del mundo indígena latinoamericano el los siglos XVIII-XIX: Un estudio comparativo*. Argentina: Tandil, 2003. p. 63-93.

_____. Génesis y estructura de los complejos fronterizos euro-indígenas. Repensando los márgenes americanos a partir (y más allá) de la obra de Nathan Wachtel. *Memoria Americana*, 13: 21-52, 2005.

CLOUGH, R. Stewart. *The Amazons: Diary of a twelvemonth's journey on a mission of inquiry up the River Amazon for the South American Missionary Society*. London: SAMS, 1873?.

LIVRO Atas 1869-1884. Arquivo da South American Missionary Society. Oxford.

MANDRINI, Raúl J. Hacer Historia indígena: El desafío a los historiadores. In: _____; PAZ, Carlos D. (Org.). *Las fronteras hispanocriollas del mundo indígena latinoamericano el los siglos XVIII-XIX: Un estudio comparativo*. Argentina: Tandil, 2003. p. 15-32.

MONTEIRO, John. *Tupis, Tapuias e Historiadores: Estudos de História Indígena e do Indigenismo*. Tese Apresentada para o Concurso de Livre Docência. Campinas: Departamento de Antropologia Unicamp, agosto de 2001.

_____. Armas e armadilhas: História e resistência dos Índios. In: NOVAIS, Adauto (Org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 237-249.

POLAK, Jacob Evert Resysek. *A Granma and a Vocabulary of the Ipurina language*. Londres: Harrison and Sons, 1894.

SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990[1978].

_____. Representar al colonizado. Los interlocutores de la antropología. In: GONZÁLEZ, Beatriz (Ed). *Cultura y Tercer Mundo 1: Cambios en el saber académico*. Caracas: Nueva Sociedad, 1996. p. 23-59.

SAMM (South American Missionary Magazine). Anos 1873-1890. Londres.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: A questão do Outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WILDE, Guillermo. Prestigio indígena y nobleza peninsular: la invención de linajes guaraníes en las misiones del Paraguay. *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas / Anuário de História da América Latina*. Colônia: Böhnau, vol. 43. p. 119-145, 2006.

RECEBIDO EM: 30/08/2016
APROVADO EM: 27/10/2016